

EFEITO DE GRUPO

John Keith Wood, Ph. D. *

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas, Brasil

RESUMO

Não é geralmente reconhecido o fato de que, ser integrante de um grupo, pode alterar a consciência individual e resultar em condutas tanto destrutivas quanto construtivas. Sugere-se que formas menos dramáticas de estados de transe, que têm sido tradicionalmente utilizados nas religiões e funções sociais, na redução de tensões, curas, educação, na tomada de decisões comunitárias inteligentes e mesmo na transcendência da individualidade estão presentes nas reuniões de grupo modernas. Como grupos atuais podem beneficiar-se destes estados, e uma estrutura teórica para estudos futuros são aqui sugeridos.

"Como passa o peregrino enquanto a terra permanente fica, assim passam os homens; mas os estados permanecem para sempre."
William Blake

Em reuniões intensivas de grupo — tais com terapias de grupo, grupos de encontro, assembléias religiosas, convenções — políticas — onde emoções fortes são expressas, os participantes podem sustentar convicções bem diferentes (às vezes, até mesmo contrárias) daquelas que sustentariam se sozinhos. Nos grupos eles podem comportar-se de maneiras que os surpreendem, perplexificam, decepcionam, e, até mesmo os embarassam posteriormente. Eles podem também ficar eufóricos e experimentar sentimentos de unidade ou insight profético.

Um exemplo cotidiano desse fenômeno é oferecido por Logan Pearsall Smith (1934): "O empregado entregou-me o casaco e o chapéu, e, num ardor de auto-satisfação, caminhei para dentro da noite. 'Uma noite deliciosa', refleti, 'pessoas das melhores. O que eu disse sobre finanças e filosofia francesa impressionou-os; e como riram quando imitei um porco berrando.' Mas logo depois —: 'Meu Deus, foi terrível', murmurei, 'preferia estar morto.'"

Um depoimento sobre um encontro entre partes em conflito, organizado por Leonard Doob e seus colegas (1973) da Universidade de Yale, ilustra um estado dissociado de consciência também comum em encontros intensivos de grupo: "Um homem levantou-se espantado na

*Departamento de Pós-Graduação em Psicologia da PUCAMP.

sessão de um grande grupo e contou que tinha saído meio confuso de uma loja do **campus** e que só então descobriu que tinha apanhado, sem pagar, uma caneta esferográfica. Um outro descobriu-se 'caminhando pelos arredores e falando sozinho — nunca fiz isso antes !”

Experiências profundamente enlevantes, freqüentemente atribuídas a alterações da consciência, podem também ocorrer nesses encontros intensivos de grupo. Durante um grupo de encontro, uma mulher compartilhou uma “visão” — uma imagem mental finalmente esboçada de uma “cena de floresta.” Nesse momento, um outro membro do grupo chorava silenciosamente. Através de lágrimas abundantes que brotaram de repente, esta pessoa falou do efeito espantoso de ter a sua “mente lida”. Ela estava, naquele preciso momento, lamentando a sua “querida terra dos bosques” da qual tinha sido recentemente privada.

Não se trata de histéricos de Charcot de Salpêtrière, nem de inválidos que peregrinam até Lourdes para curas milagrosas, nem de médiuns do espiritismo primitivo; são pessoas normais, geralmente das profissões de ajuda, que simplesmente se sentam em um círculo e conversam. Parece não haver nenhum sistema de conversação, nenhuma sessão ritualística, nenhum esforço especial; quando pessoas falam de interesses pessoais, política, inflação, virtualmente qualquer assunto (mas, especialmente, quando simplesmente expressam o que estão sentindo no momento ou sobre o que têm em suas mentes), elas podem começar a se comportar como se não fossem elas próprias. Como se pode entender esta freqüente discrepância perturbadora entre o comportamento da pessoa em particular e seu comportamento no grupo ?

Estado de Transe — De acordo com Ronald Shor (1959), que fez pesquisas sobre hipnose no Massachussets Mental Health Center, o estado comum de consciência é caracterizado por uma certa estrutura de referência. Esta estrutura é chamada de a “orientação-para-a-realidade generalizada” e é ela que no **background** da atenção “dá suporte, interpreta e dá significado a todas as experiências” da pessoa. Em estados especiais, essa orientação pode enfraquecer temporariamente, desintegrar-se ou tornar-se não-funcional. O sono é o melhor exemplo disto. “Qualquer estado”, define Shor, “em que a orientação-para-a-realidade generalizada se desvanesce numa inconsciência relativamente não-funcional, pode ser denominado de um estado de transe.” Ainda que haja muitas possíveis explicações para esses comportamentos, sugiro, com o propósito de estudar o efeito de grupo, que por esta definição os participantes de grupo estão sempre num estado de transe. *

*Por ser utilizada em vários cultos, esta terminologia pode ter conotações desagradáveis para o leitor. Entretanto, o uso técnico do termo, penso que seja valioso para esta discussão.

Nos estados de transe, os padrões habituais de pensamento não estão em vigor e a pessoa pode experienciar a "realidade" de formas completamente diferentes. O que antes havia sido considerado como "impossível" torna-se possível: proezas sobre-humanas são até mesmo possíveis. Arnold Ludwig (1967), diretor de pesquisa de um hospital Norte-Americano, diz: "A pessoa não mais parece presa às necessidades da razão silogística"; nesses estados, "a distinção entre causa e efeito pode desaparecer, a noção de tempo pode tornar-se mais relativa, opostos podem co-existir e não parecer contraditórios... Tende a ocorrer um tipo de 'reestruturação perceptual cognitiva', na qual o indivíduo tem disponíveis novas vias de experiência e de expressão". Assim, a pessoa em estado de transe é altamente sugestível e é capaz de um comportamento muito criativo, tanto construtivo como destrutivo.

Ludwig and Levine (1965) relataram que, em experimentos controlados, sujeitos em transe experienciaram mudanças na percepção, uma sensação de irrealidade, fusão com o ambiente, vazio mental, perda do controle, desconexão de partes do corpo e outras sensações estranhas. Os sujeitos também relataram sentirem-se felizes, potentes, sentirem-se como uma pessoa diferente, fascinados com certos pensamentos, e sentirem-se sob o controle de outros.

Indução a Estados de Transe — Sabe-se que os estados de transe podem ser induzidos por fadiga (Tyler, 1955), tensão emocional (Sargant, 1957), jejum (Field, 1960), ambigüidade e confusão (Frank, 1961), tédio (Heron, 1957), audição de música, pelo canto, e a dança (Deren, 1970). Estados de Transe também podem ser induzidos por confissão pública de sentimentos (Lifton, 1961), tanto quanto pelo isolamento da rotina diária, por engajamento na criação artística, meditação, oração, longas vigílias como guiar numa auto-estrada ou plantão de sentinela, assim como ingestão de álcool, cafeína e outros alterantes químicos. Em encontros intensivos de grupo todos esses fatores podem estar presentes numa certa medida.

A expressão desses estados de consciência e as habilidades pessoais que podem ser suprimidas ou incrementadas aparentemente variam com o indivíduo, com o contexto, com a técnica de indução e com as expectativas da cultura ou do meio social. Na hipnose, por exemplo, o hipnotizador que sugere a relaxação e enfatiza a sonolência, induz um transe tipo sono. Caminhar sobre brasas, furar a pele sem sangramento, pintura a óleo no estilo de mestres mortos são manifestações de estado de transe que podem ser nutridas ou aceitas por certas disposições culturais.

O Comportamento no Estado Transe — As conseqüências destrutivas de tal estado de consciência são bem conhecidas através dos frenesis da histeria de massa, da brutalidade da multidão e do crime impulsivo quando a "orientação-para-a-realidade generalizada" desintegra-se (LeBon, 1895; MacDougall, 1920; Freud, 1921).

Resultados construtivos também são possíveis. Pela aprendizagem de como controlar as potencialidades destrutivas do estado de transe, os seres humanos têm-se beneficiado muito. Dos gregos antigos até o presente, a medicina tem utilizado os estados em transe em suas práticas de cura. A indução do trauma para reverter os seus efeitos foi amplamente estudada na II Guerra Mundial, por exemplo, William Sargant (1957), um pesquisador em medicina psicológica, obteve alívio para soldados em estados de choque-de-bombardeio pela administração de drogas à vítima e no transe que se seguia, sugerindo-lhe que revivesse o episódio que a levava ao colapso. Os sintomas poderiam incluir, de acordo com Sargant, "movimentos grosseiros e descoordenados, ainda que regulares, de contorções e contrações... perda temporária da fala ou gagueira, ou talvez uma forma explosiva de falação". Estupor-depressivo, perda da memória, desmaios, tremores severos e perda dos movimentos dos membros foram sintomas também relatados.

Descobriu-se rapidamente que podiam ser obtidos resultados superiores pela provocação de emoções de medo e raiva, não relativos a eventos reais, mas relativos a eventos imaginários. Por exemplo, a um paciente que houvera entrado em colapso numa batalha de tanques era dada a sugestão de que ele tinha que encontrar a sua saída do tanque em chamas. Explosões de medo e fúria levavam a um colapso emocional, seguido por um alívio dramático dos sintomas nervosos. (Entretanto, pouco ganho foi acertado quando se induzia um paciente melancólico a chorar).

Circunstâncias traumáticas não são necessárias para a indução de estados de transe. Aparentemente qualquer tipo de entrevista (tais como as conduzidas por psicoterapeutas, interrogadores policiais e mesmo por jornalistas) que leva a pessoa a concentrar sua atenção sobre a história de sua vida, justificando o seu comportamento, motivação, valores e assim por diante, pode induzir a um estado de transe. Frequentemente, pessoas inocentes, vulneráveis à sugestão, têm produzido as confissões que seus interlocutores estão procurando obter.

Mesmo quando o estado de transe é induzido por atividades bem intencionadas, resultados desconcertantes podem ocorrer. Na primavera de 1897, Freud descobriu o desafortunado fato de que, não todas mas a maior parte das seduções infantis de seus pacientes haviam sido produzidas para ele (Jones, 1957). Tendo construído a sua teoria da histeria sobre esses casos, ele foi, sem dúvida, abalado pela descoberta da força de suas sugestões, "... inicialmente, o resultado foi o de um atordoamento desesperado. A análise havia levado através de seus caminhos próprios a esses traumas sexuais, e ainda assim eles não eram verdadeiros. A realidade perdia-se sob os seus pés" (Freud, 1914).

Atividades de Grupo — Inúmeras pessoas entrando em estados de transe ao mesmo tempo juntas, têm ocorrido conversões religiosas, re-

voluções, e promoção de movimentos sociais. Em Northampton, Massachusetts, no inverno de 1735, a pregação de Jonathon Edward deu início ao que veio a ser conhecido como a renovação religiosa do *Great Awakening** na América do Norte. De pequenos encontros com conversões dramáticas espalhou-se o rumor de que coisas incomuns estavam acontecendo. Grandes multidões, ávidas por socialização e excitação, terminaram por superar as capacidades das pequenas comunidades, surgindo então os grandes encontros campais.

William McGreedy, pastor da Igreja de Muddy River, em Logan County, Kentucky, descreveu o estado de transe que se induzia em tais encontros: "Ninguém parecia querer ir para casa — a fome e o sono pareciam não afetar a ninguém — as coisas eternas eram o grande interesse... Um grande número de pessoas de todas as idades, de dez a setenta anos creio, não resistiram... caíam pelo acampamento, no caminho de casa e depois de lá chegarem." (Cleveland, 1916).

Quedas no chão, convulsões, dança e mesmo latidos como os de cachorro eram manifestações comuns. Alguns não sentiam nenhum sintoma prévio, caíam subitamente como que mortalmente atingidos, não lembravam de nada ao recuperar-se. Alguns faziam, ao acordar, sermões passionais que influenciavam a muitos. Alguns, de acordo com uma testemunha (relatada em Cleveland, 1916) falavam por quatro horas ininterruptamente, falando tão alto que por uma parte do tempo "podiam ser ouvidos à distância de uma milha".

Os movimentos religiosos de massa na Europa nesse período, particularmente os desenvolvidos em torno das pregações de John Wesley, têm também sido vistos como servindo ao avanço de formas sociais e políticas. O cientista político Frederick Davenport (1905) assevera: "A simples união de tais massas de homens com objetivos comuns estava em concordância inconsciente com a tendência da época. Nunca se viria algo de similar na Inglaterra. O direito democrático fundamental de associação não tinha ainda se desenvolvido." O fato de as pessoas entrarem em estados de transe nos encontros de massa não serviu tanto à Igreja, quanto serviu a democracia. "As reuniões de massa, os discursos de plataforma, os panfletos políticos livre e amplamente distribuídos — esses foram os verdadeiros órgãos da opinião pública no movimento democrático, e em ampla medida o resultado da renovação religiosa."

O grupo, então, tinha outras funções além da meramente social. Estes grupos da renovação, em estados especiais de consciência, em "concordância inconsciente com a tendência da época", permitiam às pessoas "pegarem no ar", digamos, informações e idéias que favoreciam o desenvolvimento da comunidade. Esta função foi sempre explorada (ainda

*Grande Despertar.

que não reconhecida pela maioria das pessoas) no sentido do provimento de liderança e algumas vezes de sabedoria às comunidades. Os oráculos serviram a essa função por muitos séculos, antes da Era Cristã, O de Delphos foi, durante milhares de anos, de acordo com Platão (1976), "o intérprete da religião para a humanidade".

Os suplicantes pediam à sacerdotisa do templo de Apolo, em Delphos, previsões acerca do futuro; a seguir, como diz Arnold Ludwig (1964): "A Pítia murmurava algumas palavras mágicas enquanto inalava fumaças que emanavam de folhas de papoula ou de ingredientes de cânhamo. Caía, então, em um transe 'hipnótico', durante o qual Apolo lutava com ela, mas, por fim, ela sucumbia ao seu poder. Despertando do transe, ela emitia os famosos oráculos, conhecidos por sua ambigüidade e **double entendres**."

Diz-se que o Oráculo de Delphos especificou o local para o que hoje é a cidade de Istambul e para outras colônias, que designava as nações amigas, julgava a habilidade dos legisladores, a justeza das leis e as melhores rotas de comércio, da mesma forma que explicava as pragas e outras crises.

Dependendo de um conhecimento disciplinado destes estados e da intenção com que são usados, as conseqüências do estado da transe podem ser destrutivas ou construtivas. Na ausência de métodos de disciplina, o transe poderá ser destrutivo para o indivíduo e a comunidade. Sob a orientação de uma pessoa experiente (através do conhecimento acumulado pela tradição), o estado de transe pode ser benéfico tanto para o indivíduo quanto para a comunidade. Os extraordinários poderes do médium em transe foram assim utilizados para prover liderança para a comunidade, curar, ajudar a lidar com o **stress**, promover a consciência individual e avançar a ordem social da comunidade.

A sabedoria auto-evidente expressa pelo médium em estado de transe, o conselho, as profecias, o falar em línguas impenetráveis e estranhas e as habilidades de cura são mais freqüentemente mencionadas como faculdades paranormais associadas com esse estado. Os sistemas religiosos tradicionais entretanto, podem ter servido a um objetivo muito mais significativo do que aquele da novidade ou mesmo da medicina. Maya Deren (1970), a partir de seus estudos do Vodou no Haiti, descreve-o como uma "religião de estatura maior, de rara visão poética e expressão artística", contendo uma constelação de grandes arquétipos.

Em transe, o médium pode manifestar o estado de **Ghede**, a vida que é eternamente presente; **Ogum**, o herói guerreiro; **Erzulie**, deusa do amor, alguns dos muitos arquétipos que constituem "um sistema de convicções mentais e emocionais do qual depende a própria sobrevivência da comunidade".

O participante aprende o amor e a beleza com "a presença e a pessoa de **Erzulie**, experiencia as formas do poder nos diversos aspectos de **Ogum**, familiariza-se com as implicações de morte na atitudes de **Ghede**". A pessoa emerge com um "senso potencializado e revivificado de sua relação com os elementos cósmicos, sociais e pessoais" da vida.

Além do mais, o estado de transe é utilizado com objetivos que transcendem a individualidade. Maya Deren escreve: "É como se a mente, transpondo as particularidades das circunstâncias, as limitações e imprecisões dos sentidos, chegasse por caminhos da razão metafísica a uma verdade comum e fundamental da matéria... Cultuar a loa é celebrar o princípio, não a matéria em que ele pode momentânea ou permanentemente se manifestar... A função e o objetivo de tal manifestação divina é a reafirmação da confiança e a instrução da comunidade."

Encontros intensivos de grupo contêm muitas das condições previamente mencionadas que induzem aos estados de transe e sob essas condições os participantes são, sem dúvida, altamente sugestionáveis. Nos estados de transe o "impossível torna-se possível" e as pessoas são capazes de traírem-se a si próprias ou aos seus colegas, capazes de violência de massa, ou de **insights** refinados e criatividade, de curar, de reformas políticas, e até mesmo de produzirem uma fonte de profundo conhecimento que transcende a individualidade. Grupos reunidos para o crescimento individual e terapia raramente alcançam os limites radicais da sua possibilidade, mas penso que vale a pena investigar os grupos do ponto de vista dos estados de transe ou das alterações de consciência. Com este propósito, ofereço aqui algumas observações sobre estados especiais de consciência encontrados em grupos efetivos. Esses comentários advêm de vinte anos de trabalho em grupos (Veja também: Rogers, 1977; Wood, 1982; Wood, 1984).

O papel dos Organizadores nos Grupos de Encontro, Terapias de Grupo, e Encontros de Grandes Grupos (Workshops) – Mesmo quando os organizadores (Convocadores, Facilitadores, Terapeutas, Líderes de grupo) não assumem uma liderança autoritária, não há garantia de que não haverá sugestionabilidade. Ela pode mesmo ser incrementada. Jerome Frank (1961), falando das terapias evocativas, observa: "A recusa resoluta do terapeuta em assumir liderança ativa tende a criar uma situação ambígua para o paciente que tem apenas uma vaga idéia do que ele deve fazer, por quanto tempo e de como saberá quanto tiver acabado... A falta de clareza resultante pode aumentar o poder de influência (do terapeuta)..., (pois) uma pessoa numa situação ambígua é impelida a clarificá-la... Na medida em que, sozinha, não é capaz de construir um claro conjunto de expectativas numa dada situação, ela tenderá a buscar a orientação de outros. Isso pode explicar a descoberta de que a confusão aumenta a sugestionabilidade."

Em grupos que não se baseiam em métodos coercitivos, os organizadores podem reduzir a falta de clareza revelando o que eles estão tentando realizar. O que quer que se saiba que esteja influenciando as experiências do participante, é-lhes revelado pelos organizadores. Não se requer dos participantes que revejam ou re-interpretem a sua vida passada, que façam confissões, ou mesmo que participem das reuniões ou outras atividades. Privação sensorial, isolamento, tortura e drogas, evidentemente não são empregados pelos organizadores nem por eles sancionados. Ainda que não se faça nenhum esforço deliberado para induzir estados de transe nos participantes, o simples fato de se estar junto numa situação ambígua pode ser o suficiente para muitas pessoas.

Inclusive pode haver corretivos para esta influência. A pessoa que se desvia da opinião da maioria tem aliados. As pessoas no grupo podem defender os direitos uns dos outros de serem diferentes, de participarem ou não, na sua forma própria, no seu próprio ritmo, de ficarem em silêncio ou mesmo de se retraírem. Naturalmente, o desviante que sabotava os objetivos do grupo pode esperar desafios. Isto se dá para o bem do grupo e para o bem dos indivíduos.

Os organizadores podem esforçar-se no sentido de estabelecer um ambiente "seguro", um cenário tranqüilo no qual a pessoa se sinta confortável e não se sinta fisicamente em perigo. Isto, desafortunadamente, pode também tender a estimular a aceitação dos objetivos, estabelecidos ou não, dos organizadores. Mas o corretivo para isso é a permissão clara e aberta de uma atitude de crítica com relação a todos os aspectos do programa, a seus organizadores e à sua organização. Inclusive os próprios organizadores podem compartilhar como participantes genuínos da situação que está sendo vivida pelos participantes de grupo. O que quer que aconteça aos participantes acontece também aos organizadores. Eles participam do mesmo estado de transe, sujeitos às mesmas induções e sugestões.

No encontro de grupo em que princípios democráticos são seguidos, o culto do individualismo é sempre um perigo. Especialmente se existe uma noção de "tornar-se tudo que você pode tornar-se" ou de tornar-se a "pessoa do futuro". Isto pode também dar origem a sugestões paradoxais que talvez incrementem a indução ao transe: "seja você mesmo", ou "seja espontâneo", ou "seja autônomo".* Objetivos como esses podem eventualmente ser expostos e discutidos do ponto de vista dos motivos subjacentes ao indivíduo e ao grupo na adoção de tais crenças. A orientação do grupo pode ser continuamente revisada pelo próprio grupo.

* Algumas psicoterapias, recentemente desenvolvidas, deliberadamente induzem estados de transe com tais métodos, com a intenção de lograr a mente na direção de percepções "saudáveis".

Em grupos com liderança autoritária existem os perigos esperados. Mas até mesmo grupos democráticos podem desenvolver normas totalitárias. O corretivo aqui é que a linguagem do "totalismo" pode ser reconhecida, caso venha a ser utilizada Robert Lifton (1961), psiquiatra da Universidade de Yale: "é repetitivamente centrada em um jargão abrangente, prematuramente abstrato, altamente categórico, implacavelmente avaliativo e mortalmente sem graça para todo mundo, exceto para os seus defensores". O jargão é trazido da cultura exterior e é também gerado no grupo. Reuniões longas, cansativas, altamente emotivas e outras condições que induzem ao transe tornam os participantes suscetíveis a slogans e a idéias repetitivas; um desafio constante à relevância das palavras e das crenças pode, entretanto, reduzir a sua efetividade. O jargão pode ser exagerado e ridicularizado. Os participantes podem rir de si próprios e de suas mais prezadas invenções quando essas invenções tornam-se opressivas e sem significado. Diz-se que o amor e o riso são capazes de quebrar qualquer condicionamento. Os cachorros de Pavlov não podiam reter nem mesmo os seus hábitos aprendidos, latiam excitadamente na presença de seu querido mestre.

Lifton (1961), a partir de seus estudos de métodos totalistas, distinguiu várias abordagens para mudar o comportamento humano e as atitudes:

A coação ordena: "Você **tem que** mudar e tornar-se aquilo que lhe dizemos — senão..."

A abordagem exortativa prega: "Se você for um homem moral, você **deve** mudar e transformar-se naquilo que nós (em nome de uma autoridade superior) dizemos-lhe que se torne."

A abordagem terapêutica instrui: "Você **pode** mudar — sair do seu estado doentio e encontrar o alívio para o seu sofrimento — se você tiver um anseio genuíno de ser saudável e se quiser seguir o meu (ou o nosso) método e orientação."

A abordagem da realização estabelece: "Você **pode** mudar — de tal forma que você será capaz de expressar mais plenamente o seu próprio potencial — se você se dispuser a confrontar-se com as idéias e abordagens que desafiam os seus modos presentes de conhecer e agir."

Os grupos intensivos que favorecem tanto o indivíduo quanto o coletivo poderiam ser classificados como seguidores da abordagem da realização de Lifton.

Não é objetivo deste artigo denunciar ou estirpar os estados de transe, visto que eles colaboram de modo evidente com a criatividade. Algumas condições, tais como a ambigüidade (Orne, 1962), contribuem aparentemente para um estado de transe e ao mesmo tempo previnem contra a sugestão de que os participantes produzem o que quer que seja

solicitado pelos organizadores, implícita ou explicitamente. Os participantes do grupo podem utilizar as potencialidades criativas de um estado de transe sem serem manipulados em direção a comportamentos comprometedores. O objetivo aqui é reconhecer os estados de transe e suas possibilidades, esboçar as condições que induzem a tais estados para evitar manipulações e tolices e indicar como os grupos podem mais freqüentemente tornar-se construtivos ao invés de destrutivos nas suas condutas.

Estado Criativo do Grupo — Através da experiência com pequenos e grandes grupos em diversas culturas, permitam-me sugerir uma estrutura que poderá ser útil para nos aproximarmos dos estudos de grupo. A estrutura que se segue aplica-se a grupos que se tornaram, pelo menos por um tempo, entidades sábias e eficientes. Estas observações são destiladas de experiências reais com estes grupos.*

Ainda que os organizadores possam desempenhar um papel-chave na convocação de um tal grupo, nem ele nem outros no grupo podem legislar um **estado criativo**, através de intervenções programadas. Esta é uma condição em que o grupo funciona coerente e eficazmente, com sabedoria e eficiência, acomodando cada voz, tanto sensível quanto delinqüente, não se comprometendo e dando início apenas a ações inteligentes que são razoáveis, promotoras do crescimento ou de cura para o indivíduo e para a comunidade. Essa condição surge através da cooperação espontânea de indivíduos praticando a iniciativa.

Tão logo tenham sido alcançadas as suas tarefas preparatórias, a equipe organizadora abandona o seu poder institucional. Daí para frente, as discussões e decisões do grupo e os problemas que ele enfrenta são gerados a partir do interesse e interação dos participantes. Cada pessoa é igualmente responsável pelo que ocorre. Não há a necessidade de eleger líderes, de nomeá-los ou de designá-los de outra forma. Mas eles emergem. Se é necessário uma organização, alguém com habilidade em organizar surge. Se se requer conhecimento técnico, geralmente aparece alguém com especialização. Quem pode expressar acuradamente uma certa emoção que os outros sentem apenas vagamente, a pessoa que pode oferecer uma reflexão, um fato, um **insight** significativo, um pedaço de informação, no momento certo, torna-se o líder. A coisa ocorre da mesma forma como Xenofonte descreveu seus camaradas, dez mil soldados gregos, sem líderes, que fizeram a salvo o caminho de volta da Pérsia à Grécia. Mergulhando na inteligência e iniciativa individuais cada um era o líder, "indivíduos livres unificados por um serviço espontâneo à vida comum". (Hamilton, 1930).

* Aqui está descrita uma abordagem do trabalho de grupo com a qual estou familiarizado. Isto não deve sugerir que esta abordagem é a única que acompanha grupos inteligentes e criativos.

O estado criativo parece acompanhar-se do que usualmente se considera como aspectos contraditórios, concomitantemente operantes no grupo e finalmente mantidos no interior do participante individual. Um aspecto pode ser chamado de **autonomia**. A pessoa é capaz de auto-governo, de pensamento e ação independentes, e de expressar os seus pensamentos, opiniões, crenças e percepções únicos em reação ao grupo. Pode manter uma identidade separada, experienciando seus valores, sentimentos e pensamentos pessoais num contexto mais amplo do que simplesmente o momento presente. Se o entusiasmo do grupo move-se em direção à injustiça, por exemplo, a pessoa intervém (invocando a "orientação-para-a-realidade generalizada"), não toma parte e tenta influenciar o grupo no sentido de uma ação justa. Isto expressa autonomia.

A autonomia, com o seu ponto de vista pessoal, isolado, ajuda a desafiar premissas e dogmas estocados e a criar uma proteção contra o desenvolvimento de "verdadeiros crentes". Ela desafia continuamente os valores fundamentais e os processos que guiam a comunidade.

De alguma forma paradoxal, a pessoa é também capaz de viver plenamente no momento, abandonado a vaidade e um senso de significância pessoal, para entregar-se a algo que a transcende. Chama-se este aspecto de **humildade**. Ele permite à pessoa entregar-se às perspectivas criativas do estado de transe, relaxar as faculdades críticas, abrir mão de opiniões, de convicções, percepções, em função daquelas que são superiores no sentido de mover o grupo na direção de um resultado justo e inteligente tanto para os indivíduos quanto para o coletivo. Permite à mente ultrapassar "as particularidades das circunstâncias, as limitações e imprecisões dos sentidos", para chegar a "alguma verdade comum e fundamental da matéria".* Esta humildade permite uma submissão voluntária da individualidade da pessoa à realidade do grupo. O indivíduo quer ser modificado. Ele está apto a abandonar a impaciência e respostas fáceis por uma espera atenta — alerta para seguir ou para liderar ou para ficar quieto.

Aqueles capazes de levarem adiante a sua melhor idéia para solucionar um problema importante e em seguida renunciarem a esta idéia, doutrina, crença, percepção, por outra superior, estariam expressando uma **convergência** de autonomia e de humildade que é característica do estado criativo. As palavras de Melvin Konner (1985), que fez estudos sobre o povo do Deserto de Kalahari, descreve splendidamente esta convergência. "É ao mesmo tempo exoticamente auto-envolvida e heroicamente altruísta... O ritual é de, por e para a comunidade toda."

*O fato que momentos terapêuticos em grupos sejam acompanhados pelo abandono da parte do paciente das suas visões habituais da realidade é também sugerido pela pesquisa. Veja, por exemplo, Stock, D. & Whitman, R. M., "Patient's and Therapist's Apperceptions of an Episode in Group Therapy," *Human Relations*, Vol. X, Nº 4, pp. 367 — 383.

SUMÁRIO E CONCLUSÃO

As pessoas freqüentemente pensam e agem em grupo de um modo diferente daquele de quando estão sós. O compromisso de pertencer a um grupo, a experiência de tensão emocional, o ouvir música, a dança, a fadiga, o jejum, o tédio, o confronto com situações ambíguas e confusas e outras ações que intensificam e concentram a atenção sobre estímulos sensoriais, excluindo outros estímulos, induzem um estado de consciência que enfraquece a orientação ordinária para a realidade e em que as faculdades críticas são debilitadas.

Nesse estado, a realidade pode ser reconstituída. O impossível é agora possível. Mas esta mesma convergência de pensamentos, sentimentos e de um senso de totalidade podem resultar num comportamento tanto construtivo quanto destrutivo. Intoxicados pela realidade não familiar, os participantes podem tornar-se cultistas, fanáticos políticos ou entusiastas de uma multidão irracional. Participantes de grupo podem pensar: "Isto não pode me acontecer. Não estou num transe. Não posso ser tão facilmente afetado como o são pessoas primitivas e sem educação." Mas, aparentemente, não é este o caso.

Por outro lado, na "nova realidade" **divíduos** podem tornar-se **indivíduos** — personalidades dispersas podem convergir em uma consciência concentrada. Os participantes podem conectar pensamentos sem conexão, podem descobrir **insights** surpreendentes com relação a questões complexas, podem agir de modos brilhantemente criativos que curam, educam e elevam a pessoa particular e a comunidade.

Com propósitos de estudo, **estado criativo** é o nome dado a esta condição na qual o grupo pode coordenar inteligentemente as suas atividades sem planos, sem legislação ou procedimentos parlamentares num processo sensível que envolve e respeita cada pessoa na busca de um consenso. A cultura do grupo pode transformar-se a si própria para acomodar suas próprias realidades cambiantes.

Os participantes de um grupo em estado criativo parecem possuir tanto **autonomia** quanto **humildade**, como nos níveis inferiores de transe descritos por William James (1892), o "eu normal não é excluído da participação consciente", mas a "iniciativa parece vir de uma outra parte". Autonomia e humildade caracterizam uma consciência do indivíduo (e do grupo). São dois lados de uma mesma moeda: a pessoa pode ser vigorosamente expressiva, lúcida, autônoma e funcionar segundo uma congruência espontânea, dispersa numa coleção inteligente e efetiva de pessoas. A conjunção é mais do que qualquer uma das faces. Ela não obedece nem ao privado nem ao universal. Ao contrário da expectativa convencional, a sua autonomia funciona no sentido da unidade do todo;

a sua humildade funciona no sentido da expressão e do crescimento individual.

Os grupos parecem ter sido sempre, e continuam a ser, capazes de prover os meios para a alteração da consciência humana no sentido da redução do stress, da facilitação da auto-realização, da tomada de decisões inteligentes, de servir a funções religiosas e sociais, de facilitar mudanças perceptuais e sociais e de guiar e instruir a comunidade a partir de fontes de conhecimento que transcendem a pessoa privada. Nos sistemas tradicionais, a humildade e a autonomia foram representadas, como observou o antropólogo médico M. J. Field (1960), numa "curiosa mistura de histeria proveitosamente dirigida e paciente auto-disciplina". O desempenho da individualidade é (Deren, 1970) harmonizado com a transcendência da individualidade, à medida em que "o indivíduo participa de gênio acumulado do coletivo e, através dessa participação, torna-se uma parte desse gênio algo mais que ele próprio". Hoje, não devemos esperar nada a menos de nossos grupos.

ABSTRACT

It is not generally recognized that group membership can alter individual consciousness and result in both destructive and constructive behaviors. It is suggested that less dramatic forms of trance states, that have traditionally been utilized in religious and social functions for reducing stress, healing, educating, making intelligent community decisions, and even transcending individuality are present in modern group meetings. How present-day groups can benefit from these states and a framework for future studies are suggested.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CLEVELAND, C. C., *The Great Revival in the West*, University of Chicago Press, 1916.
- DAVENPORT, F. M., *Primitive Traits in Religious Revivals, A Study of Mental and Social Evolution*, MacMillan Co.: NY, 1905, page 175-176.
- DEREN, M., *The Divine Horsemen*, Chelsea House Publishers: NY, 1970.
- DOOB, L. W.; FOLTZ, W. J., "The Belfast Workshop: An Application of Group Techniques to a Destructive Conflict," *Journal of Conflict Resolution*, Vol. 17, Nº 3, September 1973.
- FIELD, M. J., *Search for Security*, Northwestern University Press; Evanston, 111, 1960.
- FRANK, J. D., *Persuasion and Healing*, Johns Hopkins Press: Baltimore, 1961.

- FREUD, S., *On the History of the Psychoanalytic Movement* (1914). **The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud**, Hogarth Press: London, 1953.
- FREUD, S. *Group Psychology and the Analysis of the Ego* (1921), **The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud**.
- HAMILTON, E., *The Greek Way*, W. W. Norton & Co.: NY, 1930.
- HERON, W., "The Pathology of Boredom," *Scientific American*, Vol. 196, 1957, pages 52 – 56.
- JAMES, W., *Psychology*, Henry Holt: NY, 1892.
- JONES, E., *The Life and Work of Sigmund Freud*, Basic Books: NY, 1957.
- KONNER, M., "Transcendental Medication", *The Sciences*, May/June, 1985, page 3.
- LE BON, G., *The Crowd: A Study of the Popular Mind*, 1895.
- LIFTON, R. J., *Thought Reform and the Psychology of Totalism*, W. W. Norton & Co.: NY, 1961.
- LUDWIG, A., "An Historical Survey of the Early Roots of Mesmerism, "The International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis, Vol. XIII, Nº 4, 1964, pages 205 – 217.
- LUDWIG, A., "The Trance", *Comprehensive Psychiatry*, Vol. 8, Nº 1, February 1967, page 13.
- LUDWIG, A., LEVINE, J., "Alterations in Consciousness Produced by Hypnosis, "The Journal of Nervous and Mental Disease, Vol. 140, Nº 2, 1965, pages 146 – 153.
- MACDOUGALL, W., *The Group Mind*, Cambridge, 1920.
- ORNE, M. T., "On the Social Psychology of the Psychological Experiment: With Particular Reference to Demand Characteristics and Their Implications," *American Psychologist*, Vol. 17, 1962, pages 776 – 783.
- PLATO, *The Republic*, quoted in Jaynes, J., *The Origin of Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind*, Houghton and Mifflin: Boston, 1976, page 323.
- ROGERS, C. R., *On Personal Power*, Delacorte: NY, 1977.
- SARGANT, W., *Battle for the Mind*, Doubleday: NY, 1957.
- SHOR, R., "Hypnosis and the Concept of the Generalized Reality Orientation," *American Journal of Psychotherapy*, Vol. 13, 1959, pages 582 – 602.

- SMITH, L. P., **All Tivia**, Harcourt Brace & Co: NY, 1934.
- TYLER, D. B., "Psychological Changes During Experimental Sleep Deprivation," **Diseases of the Nervous System**. Vol. 16, Nº 10, 1955, page 293.
- WOOD, J. K., "Person-Centered Group Therapy," in Gazda, G., editor, **Basic Approaches to Group Psychotherapy and Group Counseling**, Charles Thomas Publisher: Springfield, 111., 1982.
- WOOD, J. K., "Communities for Learning: Person Centered Approaches to Large Groups," in Levant, R. & Shlien, J. editors, **Client-Centered Therapy and the Person-Centered Approach: New Directions in Theory, Research, and Practice**, Praeger Publishers: NY, 1984.